



A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO PSICOTERAPÊUTICO

ART THERAPY AS A PSYCHOTHERAPEUTIC DEVICE

Karina Murielly Conceição SILVA
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: karinammurielly@catolicaorione.edu.br
ORCID <http://orcid.org/0009-0003-1784-8665>

Nádia Regina Stefanini MILHOMEM
Faculdade Católica Dom Orione (FACDO)
E-mail: nadia@catolicaorione.edu.br
ORCID <http://orcid.org/0000-0001-8289-9520>

362

RESUMO

Objetivou-se com esse trabalho, compreender a arteterapia, sua relevância e formas de utilização no processo psicoterapêutico e de inclusão psicossocial de pessoas com transtornos mentais, uma vez que, é fundamental para a compreensão da arte como um lugar socialmente válido, para ativar diferentes modos de inclusão social. Para a elaboração deste estudo foi realizada uma revisão bibliográfica, de natureza exploratória e de abordagem qualitativa, a partir de artigos indexados nas bases de dados: Redalyc, Livros Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na Revista da Universidade Vale do Rio Verde. Foram tomados como critério de inclusão: literatura publicada nos últimos 10 anos (2013 a 2023), escritos no idioma português, com resumos e textos completos que mais se aproximavam da temática investigada. Como critérios de exclusão: literaturas de ordem somente quantitativas; trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações; artigos no qual a temática principal não tenha atravessamentos com a inclusão psicossocial, arte, arteterapia ou transtornos mentais. A partir do estudo realizado, compreende-se a Arteterapia como um aliado recurso na ruptura dos modelos tradicionais e excludentes. Entende-se que, dentro do processo artístico, são ignoradas as frágeis fronteiras da sanidade e da loucura, instaurando um novo olhar, de acolhimento e inclusão. Além disso, sugere-se o desenvolvimento de mais estudos acerca da Arteterapia como uma das ferramentas de inclusão psicossocial, com o propósito de ampliar materiais bibliográficos recentes, e assim

obter uma maior compreensão de como este campo vem sendo visto e utilizado atualmente.

Palavras-chave: Transtorno mental. Inclusão psicossocial. Arteterapia. Política nacional de práticas integrativas.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand art therapy, its relevance and ways of using it in the psychotherapeutic process and psychosocial inclusion of people with mental disorders, since it is fundamental to understand art as a socially valid place to activate different modes of social inclusion. In order to carry out this study, a bibliographical review was carried out, of an exploratory nature and with a qualitative approach, based on articles indexed in the following databases: Redalyc, Books and Electronic Journals in Psychology (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Virtual Health Library (BVS) and the Journal of the Vale do Rio Verde University. The inclusion criteria were: literature published in the last 10 years (2013 to 2023), written in Portuguese, with abstracts and full texts that were closest to the subject under investigation. Exclusion criteria: only quantitative literature; course completion papers, theses and dissertations; articles in which the main theme isn't related to psychosocial inclusion, art, art therapy or mental disorders. Based on the study carried out, art therapy is seen as an ally in breaking away from traditional and exclusionary models. It is understood that, within the artistic process, the fragile boundaries of sanity and madness are ignored, establishing a new look of welcome and inclusion. In addition, it is suggested that further studies be carried out on art therapy as a tool for psychosocial inclusion, with the aim of expanding recent bibliographic material and thus gaining a greater understanding of how this field is currently being viewed and used.

Keywords: Mental disorder. Psychosocial inclusion. Art therapy. National policy of integrative practices.

INTRODUÇÃO

A arte está presente em nossas vidas desde os primórdios da humanidade, expressando e representando o meio social. Além de possibilitar várias formas de uso

na sociedade, permitindo a constituição de uma realidade nova, através de um universo já conhecido, visto que ela transforma, favorecendo este universo de novas significações.

Barros e Ferreira (2016) sustentam que a subjetividade humana e a conexão entre o processamento de criação artística constituem um campo de estudo e intervenção psicoterapêutica significativa.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2019), a saúde mental é cada vez mais reconhecida como uma prioridade global de saúde e desenvolvimento econômico. Deve-se observar outro aspecto, conforme apontado pelo Sistema Universidade Aberto do SUS (UNASUS) (2015), que traz o alerta da Organização Mundial da Saúde, apontando que 10% da população global apresenta problemas no campo da saúde mental.

Neste sentido, o Manual de Intervenções para Transtornos Mentais Neurológicos e por Uso de álcool e outras drogas na rede de atenção básica à saúde (MI-mhGAP, 2018) afirma que os transtornos mentais são responsáveis por uma grande carga de doenças e incapacidade em todo o mundo. É importante destacar que, mesmo diante de tais dados, a saúde mental é uma das áreas mais negligenciadas da saúde pública, conforme aponta a Organização Pan-Americana da Saúde (2019).

Existe um hiato entre a capacidade e os recursos disponíveis nos sistemas de saúde e o que está disponível para redução dessa carga, pois pessoas com transtornos mentais precisam de prevenção, cuidado e apoio social. Na segunda metade do século XX, Correia e Torrenté (2016) declaram que os movimentos de Reforma Psiquiátrica propiciaram a ascensão de um novo paradigma na assistência às pessoas com transtornos mentais.

Segundo Coqueiro et al. (2010), os Centros de Atenção Psicossocial possuem um papel importante no processo de saúde e bem-estar daqueles que necessitam de auxílio para lidar consigo. A proposta de cuidado em saúde mental, conforme Mendes, Lopes e Lobo (2016) baseia-se em um modelo de organização intersetorial, integrando vários níveis de cuidado em saúde.

Sob essa perspectiva, Franco (2020) reitera que os Centros de Atenção Psicossocial têm sido um referencial valioso na consolidação de práticas mais humanas e dignas no tratamento de transtornos mentais, assim, o papel dos Centros de Atenção

Psicossocial (CAPS) é oferecer assistência, cuidados e tratamentos para a saúde mental da população brasileira.

Em 27 de março de 2017 a Portaria Nº 849 incluiu a Arteterapia à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), dessa forma, a Arteterapia passou a ser oferecida no Sistema Único de Saúde (SUS) a partir de 2017 (BRASIL, 2017). É importante destacar que, através da arte, é promovida a ressignificação dos conflitos, a reorganização das próprias percepções, ampliando a percepção do indivíduo sobre si e sobre o mundo.

As oficinas de Arteterapia desejam oferecer mais do que uma “prescrição do tratamento”, contudo, constituir-se como um espaço de exercício de subjetividade e cidadania (PINTO et al., 2017, p. 23), permitindo conforme Reis (2014b, p. 259) a “transformação no olhar sobre si e sobre a vida”.

O Portal da Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS, 2017) afirma que a Arteterapia estimula a criatividade em um espaço de cuidado, escuta qualificada e silêncio, auxiliando na promoção, reabilitação e recuperação da saúde, bem como na prevenção de agravos.

Coqueiro et al. (2010), abordam a importância da arte na reinserção das pessoas com transtornos mentais, uma vez que promove sensibilidade, autonomia, movimento de corpo e trocas entre os sujeitos.

Fazer arte, ignora as frágeis divisas da sanidade e da loucura, no campo artístico, normalidade e anormalidade deixam de ter notoriedade. Apesar dos muitos avanços, desde a Reforma Psiquiátrica, conforme aponta Cardozo e Borges (2015), as pessoas com transtornos mentais ainda são estigmatizadas e segregadas.

Assim, verificar a relevância e formas de utilização da Arteterapia no processo de inclusão psicossocial de pessoas com transtorno mentais, é fundamental para a compreensão da arte como um lugar socialmente válido e para ativar diferentes modos de inclusão social.

Além de contribuir no fortalecimento desta ferramenta nos serviços públicos de Atenção à Saúde Mental, a Arteterapia vem sendo um referencial importante na consolidação de práticas mais humanas. Weber e Juruena (2016) ressaltam que o cruzamento de conceitos complexos como inclusão social, cidadania, liberdade, ética e políticas públicas destinadas à sua assistência, é um dos fatores contribuintes.

Diante disso, a motivação para realizar este estudo surgiu do interesse em colaborar teoricamente com a comunidade científica e profissional da área da saúde, visto que os artigos científicos são essenciais para a propagação e democratização dos conhecimentos.

A partir do exposto, busca-se como objetivo geral, compreender a arteterapia no processo de inclusão psicossocial das pessoas com transtornos mentais. Como objetivos específicos têm-se: explicar o conceito da rede de atenção psicossocial, seus recursos, disponibilidades e dificuldades; discutir os atravessamentos do transtorno mental, estigma e inclusão psicossocial, mapeando o percurso de lutas, marcos, avanços e retrocessos; descrever o percurso histórico da Arteterapia e esclarecer as contribuições, possibilidades e limitações da Arteterapia no processo de inclusão psicossocial.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, essa modalidade de pesquisa, propicia o exame de um tema, sob novo enfoque ou abordagem, não sendo uma simples repetição e atingindo conclusões inovadoras (MARCONI; LAKATOS, 2018).

No que se refere aos fins, considerando os objetivos propostos, o estudo é de natureza exploratória e de abordagem qualitativa, buscando compreender dados, fatos, teorias e hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009.), já no que diz respeito a exploratória, permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos, possuindo planejamento flexível (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Como estratégia para realização do estudo foi utilizada a metodologia e fases desenvolvidas por Marconi e Lakatos (2003): Identificação e levantamento bibliográfico, compilação, análise e interpretação das obras relevantes para o desenvolvimento do trabalho.

Quanto a coleta do material bibliográfico, as buscas foram realizadas em artigos indexados nas bases de dados: Redalyc, Livros Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca especializada (BVS) e na Revista da Universidade Vale do Rio Verde. Utilizando-se os descritores: Arteterapia; Arteterapia no Brasil; Transtornos mentais e Arteterapia; Rede de Atenção

Psicossocial e Arteterapia; arte e Inclusão Psicossocial; Política Nacional de Práticas Integrativas e Nise da Silveira.

Ademais, contando como critério de inclusão: literatura publicada nos últimos 10 anos (2013 a 2023), escritos no idioma português, com resumos e textos completos que mais se aproximavam da temática investigada. Por fim, foram elencados três critérios de exclusão: literaturas de ordem somente quantitativas; trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações; artigos no qual a temática principal não tenha atravessamentos com a inclusão psicossocial, arte, arteterapia ou transtornos mentais.

Atendendo a metodologia empregada, a partir dos descritores foram rastreados inicialmente: 50 artigos na base de dados LILACS, 30 no SciELO, 28 na PePSIC, 30 na Redalyc, 1 na Revista da Universidade Vale do Rio Verde e 49 na Biblioteca Virtual de Saúde. Dessa forma, na primeira etapa de levantamento bibliográfico do material, foram localizados um total de 188 estudos publicados, dos quais, após filtrar com todos os critérios de inclusão, foram compilados 67 do total de 188 artigos.

Posteriormente, foi realizada uma leitura exploratória dos títulos e resumos dos 67 estudos para análise e o reconhecimento daqueles de interesse. Após a leitura exploratória e seletiva, somente 8 dos 67 artigos foram considerados elegíveis para essa revisão. Dos 8, foram elegíveis: 1 artigo da Biblioteca Virtual de Saúde, 3 do SciELO, 1 do PePSIC, 1 do LILACS, 1 da Redalyc e 1 da Universidade Vale do Rio Verde.

REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL EM SAÚDE MENTAL

O campo da saúde mental vem sendo marcado, desde o final dos anos de 1970, pelos debates e diversos movimentos em torno do modelo de atenção às pessoas com transtornos mentais.

Conforme afirmam Amarante e Nunes (2018, p.2071), “na década de 1970 e parte de 1980, o movimento da Reforma Psiquiátrica desenvolveu o pensamento crítico à institucionalização da loucura”. Movimento com um período político e social complexo, composto de atores e instituições diferentes [...] que reivindicam novos espaços, práticas e relações com a loucura (AMARANTE, 1995).

Pensando na humanização do acompanhamento, através da promoção do atendimento psicossocial, surgiu como proposta para organização dos serviços de saúde mental no país, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), instaurada pela portaria GM 3.088 de dezembro de 2011 (BRASIL, 2011). A RAPS surgiu com uma perspectiva

de consolidar um modelo de atenção aberto, de base comunitária, com a garantia da livre circulação das pessoas com problemas mentais pelos serviços, comunidade e cidade, possuindo uma gestão de caráter regional (NÓBREGA; MANTOVANI; DOMINGOS, 2020).

A partir da instauração da RAPS, começou a se pensar em pontos de atenção, e a ideia de níveis de complexidade foi superada (PERES et al., 2018). Lima e Guimarães (2019b, p.888) expõem que:

A Raps apresenta-se como um **arranjo organizativo de ações e serviços de saúde de diversas complexidades assistenciais**. Foi organizada a partir da necessidade de enfrentamento de vulnerabilidades relacionadas com os transtornos mentais e com o uso abusivo de crack, álcool e outras drogas. Em linhas gerais, objetiva **ampliar e promover o acesso à atenção psicossocial da população** e garantir a articulação e a integração dos pontos de atenção das redes de saúde no território, qualificando o cuidado por meio do acolhimento, do acompanhamento contínuo e da atenção às urgências (Grifo nosso),

Mais detalhadamente, no que se refere ao âmbito organizativo, a Rede de Atenção Psicossocial é constituída por: Atenção básica em saúde; Atenção psicossocial especializada; Atenção de urgência e emergência; Atenção residencial de caráter transitório; Atenção hospitalar; Estratégias de desinstitucionalização e Reabilitação psicossocial (BRASIL, 2011).

Cabe destacar que dentre os pontos de atenção mencionados, que compõem a rede, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é o ponto da atenção psicossocial especializada e articulador estratégico da RAPS e da Política Nacional de Saúde Mental (BRASIL, 2011). Acrescentamos que a portaria/GM nº 336, de 19/02 de 2002 (BRASIL, 2002), redefiniu os CAPS e passaram a existir seis modalidades, que se caracterizam segundo o porte, complexidade dos atendimentos e abrangência populacional. São eles: CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPSi (infantil ou infanto-juvenil) e CAPS ad (álcool e drogas). Assim, conforme Brasil (2004, p. 09):

Os CAPS são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e psicológico. Sua característica principal é buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como seu “território”, o espaço da cidade

onde se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares. **Os CAPS constituem a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica.** (Grifo nosso),

Desse modo, atentando-se para a Política Nacional de Saúde Mental, estes serviços se tornaram a estratégia prioritária do seu atual modelo de atenção, podendo articular cuidado clínico e programas de reabilitação psicossocial (BRASIL, 2004).

Além de funcionar como um dos principais dispositivos de desinstitucionalização, para Feitoza e Pires (2020), são importantes dispositivos de atendimento, territorialização e, muitas vezes, é a principal opção de encaminhamento no município.

Lima e Guimarães (2019a, p. 890) afirmam:

A RAPS enquanto uma “rede viva”, pois formada por serviços e pessoas em relações dinâmicas e dialógicas que se articulam recursivamente em um processo complexo, individual e coletivo e que envolve setores e, principalmente, atores e seus saberes, símbolos, afetos, memórias. É provavelmente por este motivo que mudar o arranjo organizacional em conformidade com as especificações ministeriais, por si só, não garante a mudança de paradigmas, de processos de trabalho, de relações interpessoais ou de percepções sobre a circulação de usuários pelos serviços e pelos espaços da cidade. Ao mesmo tempo, ponderamos que **as transformações no arranjo organizacional dos serviços brasileiros de saúde mental são um indicativo de que deslizamentos teórico-conceituais estão presentes na atualidade**, tensionando as redes de produção de saúde e fazendo avançar a Reforma Psiquiátrica. (Grifo nosso),

No entanto, apesar das significativas conquistas alcançadas, faz-se necessário evidenciar que certas regiões do país ainda não contam com nenhum outro ponto da RAPS [...], ocasionando a existência de vazios assistenciais em saúde mental (MACEDO et al., 2017). Existindo, também, fragilidades na comunicação e centralização do cuidado em saúde mental nos serviços especializados, explanando uma rede fragmentada e conflituosa (SAMPAIO; BISPO JUNIOR, 2021).

Contudo, ainda que a instituição da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), precise melhorar na efetivação e execução dos serviços, pois é uma rede composta por atores, instituições específicas, singulares e individuais, vem avançando como política pública, sendo uma consequência do processo de consolidação da reforma psiquiátrica brasileira (FEITOZA; PIRES, 2020).

Nesse sentido, para Sampaio e Bispo Junior (2021), precisa-se ter como eixo central as necessidades da população e o fazer territorial. Sendo necessário potencializar os polos de resistência observados e investir na construção de políticas que se teçam artesanalmente.

Ademais, ela reforça a corresponsabilização entre os serviços, a clínica ampliada e a integralidade. Além de ser construída pelo modelo psicossocial, uma vez que é um passo importante para o caminho da reforma psiquiátrica (PERES et al., 2018). Por fim, é no município que a Rede de Atenção Psicossocial acontece, objetivando ampliar o acesso à atenção psicossocial da população em geral.

TRANSTORNOS MENTAIS, ESTIGMA E INCLUSÃO PSICOSSOCIAL

Desde a metade do século XIX, observa-se uma nova forma de compreender e lidar com as doenças mentais. Os transtornos mentais abrangem as alterações de pensamento, emoções e/ou comportamento. Há um grande número de pessoas diagnosticadas com transtornos mentais em diversos continentes na sociedade contemporânea, conforme afirmam Martinhago e Caponi (2019).

Entretanto, não podemos desconsiderar que mesmo a doença mental sendo extremamente comum, hoje em dia, ainda carrega um sentido pejorativo, por ignorância, sentimento de ameaça e vulnerabilidade das pessoas (WEBER; JURUENA, 2017). Sob esse prisma, Nascimento e Leão (2019, p. 118) ressaltam que:

As pessoas com transtorno mental pertencem a um grupo de indivíduos que por séculos foi **esquecido, negligenciado**, e hoje, com o processo da **desinstitucionalização**, encontram muitas dificuldades em se inserir na sociedade, e uma das principais causas disso é **o estigma social alimentado pela ignorância** da população e pela mídia oficial. (grifo nosso)

Para Goffman (1988), o estigma resulta em indivíduos rejeitados, objetos de discriminação e excluídos da participação em diversas áreas da sociedade. Diante desse contexto, a representação da loucura presente na sociedade, reduz o usuário do serviço de saúde mental a um estigma, impedindo sua comunicação com a sociedade, resultando num processo de exclusão e segregação, como consequência da estigmatização (BRUNELLO, 1998).

Ainda segundo Goffman (1988, p. 117) “O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos

mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuem sobre o encontro”.

Em relação aos indivíduos com transtornos mentais, a reforma psiquiátrica foi um marco importantíssimo para o avanço da humanização, da autonomia, da socialização e do rompimento de preconceitos (SOARES; FONSECA, 2017).

Pode-se perceber que para a inclusão social de pessoas com transtornos mentais, o suporte das redes sociais é de fundamental importância (SALLES; BARROS, 2013). Cândido et al. (2012, p. 116), afirma que “a quebra das barreiras culturais em torno da saúde mental, por meio de sujeitos multiplicadores [...] oferecem oportunidades de os próprios agentes sociais construírem suas concepções em torno da percepção do “louco” como ser-existente”.

A reabilitação psicossocial e inclusão social são definições relacionadas à possibilidade de circulação no território e participação em sociedade, como pontuam Sanches e Vecchia (2020). A ressignificação de pontos cegos alimentadores de velhos estigmas e ações realizadas na micropolítica do cotidiano, que envolve as relações entre sujeitos, plenos de novos sentidos, têm se revelado os maiores recursos na inclusão social, conforme afirmam Nunes e Torrenté (2009).

Tenório (2002, p. 31) sugere que:

Fazer da **rede social** de suporte um **instrumento de aceitação da diferença**, e não de normalização do social, esta é a perspectiva atual oposta à de alargamento dos poderes de regulação do social pela psiquiatria, embutida no programa comunitário da prevenção. Portanto, assim como a noção de saúde mental, a noção de comunidade, não obstante seu pecado original foi positivado pela reforma, por sua **importância estratégica na oposição ao manicômio** e à segregação. (grifo nosso)

De modo geral, ratifica-se a importância no processo de reabilitação dos usuários de serviços de saúde mental, espaços terapêuticos que sejam dinâmicos e proporcionem trocas e reflexões na vida dos usuários (WILLRICH; PORTELA; CASARIN, 2018). Um outro avanço nesse sentido foi a inclusão da Arteterapia à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

Segundo Silva (2016, p. 15):

A PNPIC busca atuar nos campos da prevenção de agravos e da **promoção, manutenção e recuperação da saúde** baseada em

modelo de **atenção humanizada** e centrada na integralidade do indivíduo, contribuindo para o fortalecimento dos princípios fundamentais do SUS. Além disso, a PNPIC considera o indivíduo na sua dimensão global, sem perder de vista a sua singularidade, quando da explicação de seus processos de adoecimento e de saúde, colaborando para **a integralidade da atenção à saúde**, princípio este que **requer também a interação das ações e serviços existentes** no SUS e que também está presente na prática Arteterapêutica estimulando e ouvindo o interagente, num entendimento respeitoso, do seu contexto individual e social, acolhendo-o, para que, a partir daí, auxiliar nas suas demandas e necessidades emocionais. (grifo nosso)

Sob essa perspectiva, o indivíduo pode sentir-se incluído, por meio da Arteterapia, numa rede de atenção à saúde e encontrar-se através das atividades artísticas que desenvolve (WILLRICH; PORTELA; CASARIN, 2018), assim também Azevedo et al. (2014), apresentou a Arteterapia, como uma prática inclusiva e uma ferramenta de cuidado.

ARTETERAPIA E SEU PERCURSO HISTÓRICO

As relações entre Arte, Arteterapia e Psicologia podem ser constatadas nas obras e abordagens de diferentes teóricos da Psicologia. Freud e Jung, entre os anos 20-30, trouxeram as teorias de bases para o desenvolvimento inicial da Arteterapia como campo específico de atuação (ANDRADE, 1995).

O trabalho artístico, para Freud, seria uma das formas de expressão da subjetividade e a arte foi abordada como manifestação do mecanismo de sublimação. Freud (1856-1939), no século XX, analisou artistas e suas obras e observou manifestações inconscientes dos artistas, considerando-as como uma forma de comunicação simbólica (ANDRADE, 1995).

Apesar de Freud possibilitar a compreensão das imagens criadas na arte como um caminho de acesso privilegiado ao inconsciente, não chegou a utilizar-se dela como parte dos seus processos psicanalíticos, enquanto Jung (1875-1961), criador da psicologia analítica, se interessou pela temática e no começo do século XX começou a trabalhar com o fazer artístico.

Jung considerava transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas e a criatividade artística uma função estruturante e natural, em que a capacidade estava em dar forma (SILVEIRA, 2001).

Também é importante evidenciar que Winnicott (1975) foi outro teórico que se interessou pela temática da arte e suas relações com as questões psíquicas, pontuando que nas experiências na clínica, o indivíduo produz artes para sua comunicação com o outro, utilizando as produções próprias para moldar sua personalidade, construindo seu Self.

Entretanto, cabe ressaltar que apesar das primeiras bases serem de abordagem psicanalista, houve desdobramentos da arte como recurso terapêutico também na Perspectiva Humanista.

Ciornai (1994, p. 1), aponta que a arte proporciona a ampliação da consciência acerca dos fenômenos subjetivos e a linguagem artística, refletindo nossas experiências interiores, sendo essa a ideia central em Arteterapia.

Nota-se que o uso da arte como ferramenta terapêutica foi aos poucos conquistando seu espaço, entretanto, a Arteterapia enquanto técnica e uma prática consolidada, se deu com a educadora norte-americana Margareth Naumburg (1890-1983), considerada a fundadora da Arteterapia, pois foi a primeira a sistematizá-la, em 1941 (ANDRADE, 1995).

Bueno e Bridi Filho (2019, p. 424), pontuam que Margareth Naumburg, [...]“acreditava ser possível acessar os materiais barrados durante as sessões terapêuticas através da arte, iniciando assim a sua utilização como ferramenta de auxílio em suas sessões”.

No Brasil, de acordo com Reis (2014a, p. 145):

A história da Arteterapia nasce na primeira metade do século passado entrelaçada com a psiquiatria e influenciada tanto pela vertente psicanalítica quanto pela junguiana. Estas encontram-se representadas respectivamente nas figuras de Osório César (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatras precursores no trabalho com arte junto a pacientes em instituições de saúde mental.

Andriolo (2003) ressalta a importância do pensamento de Osório Cesar, visto que, ele desenvolveu formulações teóricas acerca das manifestações artísticas, entre 1925 e 1955, a partir das produções dos internos do Hospital de Juqueri. No que diz respeito à Nise da Silveira, a mesma iniciou no Brasil a Arteterapia e a terapia assistida por animais, propiciando a expressão de muitos artistas-pacientes (ORTIZ; ORTIZ, 2018).

Na época, a utilização da Arteterapia trouxe grande transformação na humanização dos atendimentos junto aos pacientes com transtornos mentais (BUENO; BRIDI FILHO, 2019).

Nise da Silveira, a princípio de maneira intuitiva, desenvolveu sua prática a partir da experimentação, introdução e improvisação com instrumentos plásticos. Implantando os princípios da prática da Arteterapia exercidas ainda nos dias atuais (VASQUES, 2009). Dessa forma, foi interligando a arte com a loucura, dando grandes contribuições para a psicopatologia, pois pontuava que a arte tocava a alma, através de formas de se expressar e comunicar (SALA et al., 2011).

Para Bueno e Bridi Filho (2019, p. 425): “A atuação destes profissionais [...] acabou promovendo um forte movimento na luta antimanicomial, buscando o entendimento do ser humano através da sua totalidade e não somente como uma extensão do seu adoecimento”.

A partir de então, a Arteterapia foi se constituindo como um campo abrangente, que possibilita a interseção entre práticas de diferentes abordagens psicológicas e artísticas (SILVA; CARVALHO; LIMA, 2013).

Segundo Rhyne (1993, p. 142-143):

Em qualquer criação artística as imagens explícitas são o seu conteúdo mais óbvio, mas a mensagem total pode não ser captada sem considerar-se o contexto total das imagens – o estilo no qual foram representadas, o relacionamento entre as figuras, a escolha da ênfase na representação e, com bastante frequência, aquilo que foi deixado fora do quadro.

Atualmente, a Arteterapia utiliza-se dessa expressão para melhorar a saúde mental e a qualidade de vida, abrangendo as linguagens plásticas, sonoras, literárias, dramáticas e corporais, a partir de técnicas expressivas baseadas na pintura, no desenho, na modelagem, na música, na poesia, na dramatização e na dança (MOCELIN, 2018). Dando forma e materialidade ao que é intangível, difuso, desconhecido ou reprimido, sendo esse o propósito do caminho criativo em Arteterapia (PHILIPPINI, 2007).

Além de, conforme pontua Reis (2014a, p. 144): “não está mais restrita aos consultórios, revelando-se um valioso instrumento para intervenções também nas áreas da Psicologia social, escolar, organizacional, da saúde e hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar ao longo deste estudo, o intuito desta pesquisa foi investigar o uso da Arteterapia no processo de inclusão psicossocial das pessoas com transtornos mentais, tendo em vista que a Arteterapia é uma ferramenta rica em possibilidades.

Dessa forma, não há dúvidas que a Reforma Psiquiátrica significou um movimento social, político e institucional pela extinção do modelo asilar- manicomial, com objetivo de promover a cidadania e autonomia dos pacientes, através da organização e articulação da Rede de Atenção Psicossocial, construindo novas formas de cuidado, acolhimento, questões sociais, pessoais e emocionais para pessoas com transtornos mentais.

Entretanto, verifica-se também, que é parte fundamental na luta antimanicomial, para a inclusão psicossocial, que sejam quebrados os estigmas que circundam o campo dos transtornos mentais. Assim, rompendo uma lógica capacitista e valorizando o sujeito de forma integral.

Diante do exposto, foi possível, a partir deste estudo, uma compreensão da Arteterapia como um recurso aliado na ruptura dos modelos tradicionais e excludentes, entendendo que, dentro do processo artístico, são ignoradas as frágeis fronteiras da sanidade e da loucura, considerando a singularidade dos sujeitos e transpondo as barreiras existentes, instaurando um novo olhar: de acolhimento e inclusão.

Além de ser uma arte livre que trabalha a cidadania, e a relação com o outro, tem seu objetivo não no julgamento da qualidade das produções, e sim na promoção do autoconhecimento, potencialização da criatividade, ampliação das possibilidades de expressão, enriquecimento da qualidade de vida, e na (res)significação do sujeito a respeito de si e da sua relação com o mundo.

Quanto às limitações do estudo, evidenciou-se pouco material dentro da temática escolhida, havendo sim, muitos trabalhos que atravessam as possibilidades da Arteterapia, mas poucos direcionados à inclusão psicossocial atrelada aos transtornos mentais.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de estudos acerca da Arteterapia como uma das ferramentas de reabilitação psicossocial, com o propósito de ampliar

materiais bibliográficos recentes para que, dessa forma, tenhamos uma maior compreensão de como este campo vem sendo visto e utilizado atualmente.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo; **Novos sujeitos, novos direitos**: o debate em torno da reforma psiquiátrica. Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 11, n. 3, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/5rhqg9GH3jhjMckj7BPKGK/?lang=pt&format=html> Acesso em: 09 de jan. 2023.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. **A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, 2018.

ANDRADE, L. Q. Linhas teóricas em arte-terapia. **A Arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia** (pp. 39-54). Campinas, SP: Editorial Psy ll, 1995.

ANDRIOLO, Arley. **A "psicologia da arte" no olhar de Osório Cesar**: leituras e escritos. Psicologia: ciência e profissão, v. 23, n.4, p. 74-81, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/HPXhN9R7LSYnXKrtRwvvrBn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 de jun. de 2023.

AZEVEDO, Elisângela Braga de. et al. **Arteterapia como promotora da qualidade de vida e inclusão social de profissionais e usuários**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 2, p. 167-176, 2014.

BARROS, Maira; FERREIRA, Leonardo. **A arte como estratégia de intervenção psicoterapêutica**: I Simpósio Científico De Práticas Em Psicologia. Psicologia e Saúde em debate, v. 2, n. Supl. 1, p. 1-4, 2016.

BRASIL. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Saúde mental no SUS**: os centros de atenção psicossocial. Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Brasília: DF, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Brasília: DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 849, de 27 de março de 2017**. Brasília: DF, 2017.

BUENO, Alexandre Pinto; BRIDI FILHO, Cesar. **A Arteterapia no atendimento psicológico**: revisão sistemática. Disciplinarum Scientia- Ciências da Saúde, v. 20, n. 2, p. 421-438, 2019.

BRUNELLO, Maria Ines Britto. **Loucura**: um processo de desconstrução da existência. **Rev. ter. ocup**, p. 14-9, 1998.

Karina Murielly Conceição SILVA; Nádia Regina Stefanini MILHOMEM. **A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO PSICOTERAPÊUTICO**. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE OUTUBRO. Ed. 46. VOL. 03. Págs. 362-380. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

CÂNDIDO, Maria Rosilene et al. **Conceitos e preconceitos sobre transtornos mentais: um debate necessário.** SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português), v. 8, n. 3, p. 110-117, 2012.

CARDOZO, Rute Mara; BORGES, Andreia Cristine. **As dificuldades de inclusão da pessoa com transtorno mental no mundo do trabalho.** TCC (Especialização), Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, UNIDAVI, 2015.

CIORNAI, Selma. **Arte terapia Gestáltica: Um caminho para a expansão da consciência.** In: REVISTA DE GESTALT Nº 3, publicação do Departamento de Gestalt Terapia do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo. 1994.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental.** Acta Paulista de Enfermagem [online]. v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/?lang=pt&format=html&stop=next>. Acesso em: 05 mai. 2023.

CORREIA, Pedro Rocha; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira Nunes de. **Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura.** Cadernos Saúde Coletiva, v. 24, p. 487-495, 2016.

FEITOZA, Cilene Vieira Melo; PIRES, Glays Rege Dantas Lima. **A rede de atenção psicossocial (RAPS): conjuntura, integralidade e articulação dos serviços no atendimento da pessoa com transtorno mental.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2020. Piauí. Anais[...] Piauí: UFPI, 2020. p. 2379-2389.

FRANCO, Guilherme Henz. **O efeito terapêutico da prática artística: a aplicação da Arteterapia no serviço de Atenção Psicossocial (CAPS) em Goiânia.** 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Editora da UFRGS, Porto Alegre: SC, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC. 1988.

Investimentos em saúde mental devem aumentar para atender às necessidades atuais das Américas. Organização Pan-Americana da Saúde. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/1-3-2019-investimentos-em-saude-mental-devem-aumentar-para-atender-necessidades-atuais-das>. Acesso em: 5 jun. 2023.

LIMA, Déborah Karollyne Ribeiro Ramos; GUIMARÃES, Jacileide. **Articulação da Rede de Atenção Psicossocial e continuidade do cuidado em território: problematizando possíveis relações.** Physis: Revista de Saúde Coletiva [online], v. 29, n. 03, 2019a.

Karina Murielly Conceição SILVA; Nádia Regina Stefanini MILHOMEM. **A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO PSICOTERAPÊUTICO.** JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE OUTUBRO. Ed. 46. VOL. 03. Págs. 362-380. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

LIMA, Déborah Karollyne Ribeiro Ramos; GUIMARÃES, Jacileide. **A Rede de Atenção Psicossocial sob o olhar da complexidade: quem cuida da saúde mental?** Saúde em Debate [online], v. 43, n. 122, p. 883-896, 2019b. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2019.v43n122/883-896/pt/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

MACEDO, João Paulo et al. **A regionalização da saúde mental e os novos desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira.** Saúde e Sociedade [online]., v. 26, n. 1, p. 155- 170, 2017.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5º edição. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico.** 2º edição. São Paulo. Atlas, 2018.

MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. **Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais.** Physis: Revista de Saúde Coletiva [online], v. 29, n. 02, 2019.

MENDES, Magda Ferreira; LOPES, Vanina Barbosa; LOBO, Ana Paula Antero. **Saúde mental e arte: relato de uma oficina de experiências estéticas em um centro de atenção psicossocial.** Cad. Bras. Saúde Ment., Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 69- 79, 2016.

MI-mhGAP Manual de Intervenções para transtornos mentais, neurológicos e de álcool e outras drogas na rede de atenção básica à saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. 2018. Brasília, DF. Licença: CC BY-NC- AS 3.0 IGO.

MOCELIN, Laura. **A arte aliada a terapia: centro de Arteterapia Erechim.** RS. 2018.

NASCIMENTO, Larissa Alves do; LEÃO, Adriana. **Estigma social e estigma internalizado: a voz das pessoas com transtorno mental e os enfrentamentos necessários.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online], v. 26, n. 1, p. 103-121, 2019.

NÓBREGA, Maria do Perpétuo Socorro de Sousa; MANTOVANI, Gabriela dos Santos; DOMINGOS, Alessandra Matheus. **Recursos, objetivos e diretrizes na estrutura de uma Rede de Atenção Psicossocial.** Revista Brasileira de Enfermagem [online], v. 73, n. 1, 2020, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0864>. Acesso em: 08 jul. 2023.

NUNES, Mônica; TORRENTÉ, Maurice de. **Estigma e violências no trato com a loucura: narrativas de centros de atenção psicossocial, Bahia e Sergipe.** Revista de Saúde Pública [online], v. 43, supl 1, p. 101-108, 2009.

OMS alerta que 10% da população global tem distúrbio de saúde mental. UNASUS, 2015. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/oms-alerta-que-10-da-populacao-global-tem-disturbio-de-saude-mental>. Acesso em: 08 jul. 2023.

Karina Murielly Conceição SILVA; Nádia Regina Stefanini MILHOMEM. A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO PSICOTERAPÊUTICO. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO – MÊS DE OUTUBRO. Ed. 46. VOL. 03. Págs. 362-380. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

ORTIZ, A.C.V.C.; ORTIZ, P.H.F. **A compreensão rebelde de Nise da Silveira: uma mulher à frente do seu tempo.** Folios, 40, julho-diciembre, p. 51-64, 2018.

O SUS das práticas Integrativas: Arteterapia. Ministério da Saúde. Portal da Secretaria de Atenção Primária a Saúde, 2017.

PERES, G. M.; CREPALDI, M. A.; MOTTA, C. C. L.; GRIGOLO, T. M. **Limites e desafios da rede de atenção psicossocial na perspectiva dos trabalhadores de saúde mental.** Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 10, n. 27, p. 34-52, 2018.

PHILIPPINI, Angela. **Materialidade e Arteterapia.** In: Revista Imagens da Transformação. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, 2007, volume 3, p.15.

PINTO, P. N. A. et al. **A influência da Arteterapia no tratamento de pacientes com transtornos mentais:** uma revisão integrativa de literatura. TCC (Bacharelado em Enfermagem), Universidade Federal de Campo Grande, Cuité, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª. Ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

REIS, A. C. dos. **Arteterapia:** a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>. Acesso em: 08 jul. 2023.

REIS, A. C.; **A arte como dispositivo à recriação de si:** uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico. Barbarói, n. 40, p. 246-263, 2014b. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/3386>. Acesso em: 08 jul. 2023.

RHYNE, Janie. **Arte e Gestalt:** Padrões que convergem. São Paulo: Summus, 1993.

SALA, Arnaldo et al. **Integralidade e Atenção Primária à Saúde:** avaliação na perspectiva dos usuários de unidades de saúde do município de São Paulo. Saúde e Sociedade [online], v. 20, n. 4, p. 948-960, 2011.

SALLES, Mariana Moraes; BARROS, Sônia. **Inclusão social de pessoas com transtornos mentais:** a construção de redes sociais na vida cotidiana. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 18, n. 7, p. 2129-2138, 2013.

SAMPAIO, Mariá Lanzotti; BISPO JÚNIOR, José Patrício. **Rede de Atenção Psicossocial:** avaliação da estrutura e do processo de articulação do cuidado em saúde mental. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, p. e00042620, 2021.

SANCHES, Laís Ramos; VECCHIA, Marcelo Dalla. **Reabilitação psicossocial e inclusão social de pessoas com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas:**

impasses e desafios. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online], v. 24, p. e200239, 2020.

SILVA, Áurea Mafra. **Arteterapia como Prática Integrativa para o desenvolvimento do autoconhecimento em adultos na maturidade**. Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI, Programa de Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho. Itajaí-SC, 2016.

SILVA, Mariane Coimbra; CARVALHO, Eduardo Moura de; LIMA, Rafaela Dias de. **Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo**. *IGT rede. Rio de Janeiro*, v. 10, n. 18, p. 01-19, 2013.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

SOARES, Maria Láisa Corrêa; FONSECA, Marina Loreto da. **A vivência da Arteterapia no tratamento de pacientes com transtornos mentais em um centro de atenção psicossocial da região metropolitana do Recife**. TCC (Bacharelado em Psicologia), Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, 2017.

TENÓRIO, Fernando. **A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online], v. 9, n.1, p. 25-59, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000100003>. Acesso em: 08 jul. de 2023.

VASQUES, Márcia Camargo Penteadó Corrêa Fernandes. **A Arteterapia como instrumento de Promoção Humana na Saúde**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

WEBER, C.A.T.; JURUENA, M.F. **Paradigmas de Atenção e estigma da doença Mental na Reforma Psiquiátrica brasileira**. *Psic., Saúde & Doenças, Lisboa*, v. 18, n. 3, p. 640-656, 2017.

WILLRICH, J. Q.; PORTELA, D. L.; Casarin, R. **Atividades de Arteterapia na reabilitação de usuários da atenção psicossocial**. *Revista de Enfermagem Atenção em Saúde* [Online], v.7, n.3, p.50-62, 2018.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar & a realidade**. 1ª ed. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1975.